



Neamp

Resenha.

DEJEAN, J. *A essência do estilo: como os franceses inventaram a alta-costura, a gastronomia, os cafés chiques, o estilo, a sofisticação e o glamour*. Tradução de Mônica Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, 350p.

Inventando estilos, moldando mentes

Quando, em 1935, Paul Hazard (2009) lançou as bases para a discussão d'*A crise de consciência européia*, que perfazia o período de 1680 a 1715, como verdadeiramente uma passagem de hegemonia cultural da Europa mediterrânea para a do noroeste, coincidindo com a desagregação da 'tradição renascentista' e a formação do 'racionalismo clássico', em que emergiriam países como a França, a Inglaterra e a Alemanha, na mesma medida em que saía de cena a Itália, isso seria apenas o início de um conjunto de discussões e questionamentos, que se dariam ao longo de todo o século passado. Como demonstraria Piero Camporesi (1996), tal passagem além de proporcionar inovações no campo da ciência e das discussões epistemológicas, também seria permeada por todo um conjunto de novos valores, cerceados pela gastronomia, pela moda, pela etiqueta, cujo enfoque na alta cultura provocaria a emergência de padrões de sociabilidade centrados na figura da civilização e da civilidade, em oposição à barbárie.

No interior desses debates, a obra de Joan DeJean tem oferecido uma bela contribuição, ao estudar pormenorizadamente essas mudanças na França, entre os séculos XVII e o XVIII. Nesse sentido, é de se saldar a publicação de alguns de seus livros no Brasil. Após ter sido traduzido: *Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*, em 2005, a Editora Civilização Brasileira lançaria em 2010, *A essência do estilo*. Nele a autora trataria de como os franceses no século XVII, em especial, durante o reinado de Luís XIV, o belo, forjariam certos padrões de beleza, expressando determinadas condutas e modos de reger a elegância, os padrões de sociabilidade, o conforto e a cultura. Assim, inventariam uma essência para o estilo, ao darem forma à alta-costura, a gastronomia, aos cafés chiques, a sofisticação e ao glamour. Para isso, detém-se ao longo dos treze capítulos do livro em temáticas, como: quando surgiu o império dos cabeleireiros-celebridades; de que maneira se originaram as rainhas da moda; como surgiu o marketing; de que maneira os sapatos e botas se tornaram um acessório indispensável da vestimenta (em particular, a da realeza); como a culinária se transformou em alta gastronomia; como se formaram os



Neamp

primeiros cafés sofisticados do mundo; como a champanhe foi inventada e de que maneira se tornaria a bebida dos momentos especiais da vida e dos negócios; por que os diamantes se tornaram pedras tão raras e cobiçadas; como se organizariam as agitações das grandes cidades; quando surgiu o primeiro guarda-chuva dobrável; como o comércio e os bens de consumo formariam um novo estilo de fazer compras; e de que modo os perfumes e cosméticos se fixariam no imaginário e no consumo feminino.

No trato com cada uma dessas questões, a autora nos mostrará de que forma a invenção de certos padrões de estilo propiciariam a moldura do imaginário coletivo e da mente dos indivíduos, a partir do século XVII, com a repercussão internacional das transformações nos padrões de sociabilidade, comportamento e consumo da sociedade e da corte francesa na época de Luís XIV. Desse modo, “aborda as origens da moda e da gastronomia, e o processo que levou os artigos de luxo e as experiências luxuosas para as vidas das pessoas em todo o mundo ocidental” (p. 10).

Para efetuar sua análise, a “trajetória de Luís XIV e da França nesse momento tão importante de sua história, o meio século entre 1660 e a morte de Luís XIV, em 1715, é uma saga que nos faz questionar como países e cidades adquirem personalidade ou encontram senso de definição” (p. 10). Evidentemente, não se limitando a ação de alguns poucos indivíduos, ou de um único soberano, tais transformações “são produto da consciência sociopsicológica compartilhada por um povo” (p. 11). Embora, de fato, tenha sido fundamental a “parceria entre o monarca obcecado por estilo e o homem de negócios inflexível”, pois, essas relações configurariam “um casamento perfeito, e constituiu a força motriz que, durante as décadas-chave (1661-1683), forjou a nova imagem nacional da França” (p. 15). Além disso, ninguém poderia “discordar de que somente o patrocínio real tornou possível a extraordinária explosão de criatividade que caracterizou o reinado de Luís XIV”; mas também “é certo que os desejos impetuosos do Rei Sol estimularam os instintos empreendedores daqueles que, quase no mesmo momento, revolucionaram diferentes campos que iam desde o design de jóias até a elaboração de cardápios e a decoração de interiores”, e essa “gama de talentos não poderia florescer sem a onipresente devoção ao estilo e à perfeição estética que reinava na corte francesa” (p. 17-8). Por essa razão, apresenta-se o movimento do monarca diante da realeza, do comércio e dos súditos, numa dialética que indica não apenas a ação do indivíduo com as massas, mas também as reações simultâneas do rei e do povo, da monarquia e do comércio. Não por acaso, “aqui estão as histórias do sapateiro, do



Neamp

cabeleireiro, do cosmetologista, dos escritores de livros de culinária, do chef, do comerciante de diamantes, dos costureiros e das rainhas da moda, dos inventores de guarda-chuva dobrável [...] do champanhe” e juntos “eles criaram um estilo que ainda hoje molda nosso ideal de elegância, sofisticação e luxo” (p. 28). E é indicando pormenorizadamente como se deu o domínio desses diferentes espaços e quais as tramas que configurariam no tempo, que o texto expõe um panorama rico, denso e instigante da história francesa, em particular, durante o reinado de Luís XIV. Para ela:

O Rei Sol tornou-se um modelo tanto para os fashionistas quanto para os fetichistas. Por um lado, ele foi e ainda é considerado o monarca que usou os melhores saltos. Christian Louboutin, o designer de sapatos queridinho da moda francesa na atualidade, cuja primeira boutique se localizava exatamente nos arredores da Place des Victoires, em Paris, identifica como um dos seus ‘sapatos favoritos’ as sandálias usadas por Luís XIV em sua gigantesca estátua equestre que domina a elegante praça circular. Por outro lado, quando perto do fim do seu reinado, em 1713, Luís XIV fundou a École de Danse, que deu origem à atual Escola de Balé da Ópera de Paris, ele forneceu aos homens de seu tempo e dos séculos por vir um novo e glorioso foco para suas obsessões (p. 125).

Além de fornecer uma rica narrativa sobre o período, a edição conta também com um acervo de gravuras e imagens, que a torna ainda mais consistente e esclarecedora. Nesse aspecto, a obra é rica em detalhes, dando foco a certas minúcias até secundárias num primeiro olhar, mas que dão todo um complemento ao conjunto, ao articular o fragmento microsocial com a estrutura macrossocial daquela sociedade. Por essas e outras razões, aqui não mencionadas devido ao espaço restrito, esta obra nos fornece ótimos e diversos subsídios para compreendermos como o consumo de mercadorias de luxo se tornou um mercado altamente lucrativo, voltado para poucos e que seduz as massas até hoje, em vista do distanciamento real que a imaginação tende a tornar mais próximo e possível de ser alcançado. Não por acaso, os estilos que foram ali inventados, continuariam a moldar as mentes das pessoas até hoje.

Referência:

CAMPORESI, P. *Hedonismo e exotismo: a arte de viver na época das Luzes*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edunesp, 1996.

DEJEAN, J. *Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um fim de siècle*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HAZARD, P. *La crise de la conscience européenne, 1680-1715*. 3ª Edição. Paris: Fayard, 2009.